



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

## RACIONALIDADE HERMENÊUTICA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER<sup>1</sup>

Aloísio Ruedell<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto de pesquisa “Hermenêutica e Crítica”.

<sup>2</sup> Professor de Filosofia do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUI, líder do grupo de pesquisa Linguagem, Justificação e Hermenêutica e professor orientador de bolsistas do PIBIC/CNPQ, FAPERGS e UNIJUI; e-mail: aloisio@unijui.edu.br

### Resumo

O presente artigo resulta de uma investigação sobre a hermenêutica de Schleiermacher, visando relacioná-la com recentes debates sobre a racionalidade hermenêutica, com destaque ao caráter indicativo-formal dos conceitos filosóficos. Sem entrar numa discussão direta sobre “índices” ou “indicativos formais”, constantes da obra de Heidegger, serão apenas discutidos conceitos e expressões do autor, de modo a evidenciar sua relação com o tema. Isso verificar-se-á, principalmente: na arte hermenêutica; na articulação entre o finito e o infinito; no ideal hermenêutico da compreensão do outro; na relação entre razão e história; na relação entre subjetividade e linguagem; no caráter sui generis da ciência hermenêutica; na crítica à razão lógico-semântica; na concepção de uma racionalidade mais ampla e abrangente; na singularização da linguagem. Por fim, a perspectiva indicativo-formal não se esgota em certos conceitos ou expressões. É a perspectiva da própria hermenêutica: superando conceitos lógico-semânticos e vinculada à consciência histórica, ela nunca define o ser, mas aproxima-nos dele.

Palavras-chave. Índicios formais; arte de compreensão; finito; infinito; individualidade.

### Introdução

A questão hermenêutica surge, historicamente, da passagem do moderno para o não-moderno, onde não se conta mais com a clareza lógico-semântica e nem com a segurança do cogito cartesiano. Também não se tem a preocupação em competir com resultados com as ciências modernas. Isso, porém, não significa menos rigor e empenho na busca da verdade. Embora não seja possível precisar definições e elencar resultados objetivos, a discussão hermenêutica põe-nos a caminho e faz buscar. O caráter fragmentário do conhecimento e a finitude da compreensão humana não permitem fechar-se sobre si mesmo, ou sobre pretensas verdades. Desafiam, ao contrário, a uma busca conjunta incessante.

É particularmente em Friedrich Schleiermacher que se encontra esse modo de pensar. Ele concebe seu projeto hermenêutico numa dupla perspectiva, designando-o, respectivamente, como “interpretação psicológica” e “interpretação gramatical”. São duas metodologias, ao mesmo tempo distintas e complementares, para compreender o discurso





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

enquanto extraído da linguagem e compreendê-lo também enquanto fato naquele que pensa. Isso se justifica a partir do fato de o texto ou discurso, objeto da interpretação, também ter uma dupla origem, o todo da linguagem e o pensar geral de seu autor.

É uma concepção da hermenêutica, estreitamente vinculada com a linguagem, que se apresenta como produto da modernidade e, sobretudo, como tendência ou movimento para a sua superação. Como Kant inaugurou uma maneira de filosofar, indagando por suas condições de possibilidade, também a hermenêutica não seria poupada dessa exigência, para manter o seu lugar no cenário filosófico. Seria, contudo, desafiada a colocar a transcendentalidade no contexto da linguagem. E isso é muito mais do que um simples deslocamento espacial ou geográfico. Representa uma nova virada no pensamento filosófico, acompanhando o giro linguístico, ou sendo por ele permitido. É, no dizer de Frank, “a transformação da crítica da razão em crítica do sentido” (In: Schleiermacher, 2005, p. 17).

Esta é, sem dúvida, uma constante da hermenêutica de Schleiermacher: ser movimento, caminho ou indicação para....sem nunca chegar ao fim do caminho; comunicar-se, compreender o outro, o diferente, mas sem nunca alcançá-lo plenamente. Qual a legitimidade dessa discussão ou como lidar com isso? Se uma explicação lógico-semântica fica sem serventia, qual a racionalidade possível? É sob esse questionamento que pretendo desenvolver o tema aqui anunciado. Examinarei conceitos e expressões constantes da hermenêutica de Schleiermacher, que poderiam ser designado como “índices” ou “indícios formais”. Sua discussão evidencia uma racionalidade própria, característica do pensar hermenêutico. A complexidade do objeto hermenêutico nunca permite compreendê-lo plenamente, mas antes faz buscar sua compreensão, sempre melhor, mas também ainda sempre só por aproximação.

## Metodologia

O texto é elaborado como resultado do projeto de pesquisa Hermenêutica e Crítica, especialmente relacionado com o pensamento de Friedrich Schleiermacher. Sua leitura e interpretação são, basicamente, orientadas por publicações de Manfred Frank, seguido de outros hermeneutas importantes, como Gunter Scholtz e Ernildo Stein.

## Resultados e discussão

A título de resultados e considerando a pergunta sobre a racionalidade hermenêutica, apresento e discuto brevemente alguns conceitos, tais como: a arte hermenêutica; a articulação entre o finito e o infinito; o ideal hermenêutico da compreensão do outro e a distância infinita para a sua realização; a relação entre razão e história; a concepção singular da subjetividade, vinculada ao “giro linguístico”; o caráter sui generis da ciência hermenêutica; a crítica à absolutização de uma razão lógico-semântica e a concepção de uma racionalidade mais ampla e abrangente; a não universalidade da linguagem ou o seu constante processo de singularização, na instituição de seu sentido e no ato de sua compreensão.

1. Início pelo conceito de hermenêutica, “arte de compreender corretamente o discurso do outro, predominantemente o escrito” (Schleiermacher, 2005, p. 87), ou “arte de





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

compreender e interpretar”. “A verdadeira tarefa da hermenêutica – afirma Schleiermacher – deve ser entendida como obra de arte” (2005, p. 99). Pergunta-se, então, por que arte? Qual o sentido de uma compreensão e/ou interpretação com arte? Não se trata, obviamente, de fazer da hermenêutica uma obra de arte, no sentido restrito do termo, como se a tarefa devesse concluir com uma obra de arte. O termo designa, antes de mais nada, o rigor metodológico ou “científico” próprio da hermenêutica. Uma atitude e um procedimento artísticos mostram a seriedade e o rigor na atividade hermenêutica. Aqui, entretanto, interessa destacar que, na hermenêutica como obra de arte, o qualificativo de arte está mais no modo de sua execução do que na obra; que a atividade hermenêutica traz em si o caráter de arte, não podendo ser mecanizada. Referir-se à hermenêutica como à arte significa que ela depende mais da destreza do artista ou intérprete do que de uma aplicação metódica de regras ou padrões universais de interpretação. E não poderia ser diferente. Todo discurso, bem como cada compreensão de discurso, é sempre “a construção de um determinado finito a partir de um indeterminado infinito” (Schleiermacher, 2005, p. 99). Pois, a linguagem é um infinito, porque são infinitas suas possibilidades de ser determinada por terceiros. Da mesma forma, é infinita a intuição particular de alguém, bem como são infinitas as possibilidades de influência que alguém pode sofrer de fora. Interpretar e compreender um texto requer movimentar-se nessa tensão entre o finito de uma construção particular e o infinito de sua linguagem e de seu autor, onde nenhuma regra nos pode dar a certeza de sua aplicação. Compreensão e interpretação com arte dependem, principalmente, da atitude e do empenho do intérprete.

2. No centro da definição de hermenêutica, “arte de compreender o discurso do outro”, está a linguagem, efetuada como discurso. Sem ela, nenhuma manifestação humana seria possível e nada poderia ser pensado. Pois, todo pensar já é um falar, um “falar interior” (Schleiermacher, 1990, p. 416), mediante palavras. Já é um discurso, um discurso silencioso, determinado pelo paradigma da linguagem, especificamente, pelo “âmbito da linguagem comum ao autor e seu público originário” (Schleiermacher, 1974, p. 86). O discurso é a manifestação da gramática da língua, mas uma gramática historicamente dada, que conserva “a interpretação coletiva e prática, que, em dada época, determinado grupo ou sociedade fez referente à relação entre os seus membros e ao mundo que lhes é comum” (Frank, 1985, p. 290). Ninguém pode ser arrancado de sua época e de seu povo. Schleiermacher demonstra e exemplifica isso, em sua obra “Das Leben Jesu” (= A vida de Jesus), ao afirmar que “Cristo não se podia expressar de outra maneira, a não ser através da linguagem que lhe era familiar e estava na base de sua vida social com as outras pessoas” (1864, p. 13), ou seja, inserido num povo e vivendo em determinada época. Ele só podia influenciar os outros e deixar sua mensagem, valendo-se de termos e de expressões vigentes.

3. A linguagem, porém, é apenas uma das duas vertentes que estão na base do discurso – a totalidade da linguagem e o pensar geral de seu autor. Os termos da definição sugerem, particularmente, que a hermenêutica tem a ver com aquilo que a linguagem não consegue dizer, mas apenas indicar ou evocar. Como, pois, falar do outro, como compreender o outro (autor ou texto), que é único e diferente, se a linguagem é comum e universalmente padronizada? E, a rigor, cada texto é outro, diferente e único, assim como seu autor.



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Enquanto as ciências constituem-se em torno do que é comum e universal, a hermenêutica ocupa-se daquilo que não se enquadra nesse padrão científico. Ocupa-se de individualidades ou circunstâncias históricas particulares. Trata de objetos não universais e, nesse sentido, não científicos, conforme ensinava Aristóteles: não há ciência do particular. A hermenêutica, contudo, não deixa de sustentar uma universalidade. Não mais a universalidade do objeto, mas a de uma experiência hermenêutica, a experiência do estranho e do mal-entendido. Schleiermacher sustenta a universalidade da hermenêutica a partir da “noção de que a experiência da estranheza (Fremdheit) e a possibilidade do mal-entendido são universais” (Gadamer, 2003, p. 248). Aquilo que, historicamente, devia ser superado, recebe agora uma transformação profunda. Na individualidade do outro, o estranho já está indissolúvelmente dado, num sentido novo e universal, e o mal-entendido não é apenas uma possibilidade, que pode dar-se ou não. Já está dado de antemão; é um pressuposto da individualidade e da diferenciação dos indivíduos, que emerge no momento da comunicação, ou diante do desafio da compreensão de um texto ou discurso. Todo esforço e empenho serão insuficientes ou incapazes de superar plenamente esse caráter de estranho do outro. Nenhuma interpretação ou compreensão poderá vencer a distância que o separa. Ele sempre permanecerá outro, diferente e distante.

4. Sem a ilusão de que um dia a comunicação seja plena ou total, ou que se chegue a uma compreensão definitiva, Schleiermacher concebe a arte hermenêutica como um “aproximar-se gradativo” da verdade do texto (Kang, 1978, p. 20), atravessando diversos níveis, em “relações sempre superiores” (Schleiermacher, 1974, p. 147 e 151). Considera, nesse sentido, o discurso como resultado da imaginação e de um ordenamento criativo de seu autor. É a perspectiva do discurso enquanto fator de transformação e de inovação. E isso mais uma vez pode ser verificado, a título de exemplo, nos discursos de Jesus, em *Das Leben Jesu*. Se a língua materna, pondera o autor, foi para Jesus uma *conditio sine qua non* para a formulação de sua mensagem, isso ainda não quer dizer que também tenha sido sua *ratio per quam*. Se tivesse sido assim, argumenta Schleiermacher, “Cristo nem teria sido necessário, e o conhecimento de Deus [por Ele transmitido] se teria difundido por si através da linguagem” (Schleiermacher, 1864, p. 13). Isso, obviamente, não foi o caso. É impensável que uma língua se transforme e desenvolva sem a atuação de alguém, e sem esse desenvolvimento, a rigor, não pode haver novidade. Para que Jesus pudesse ser significativo e deixar uma mensagem nova, Ele não apenas se serviu da língua da época, mas sua mensagem também foi uma verdadeira investida contra ela, de modo a provocar a “transformação semântica de sua visão de mundo” (Frank, 1985, p. 291).

5. À semelhança do caráter singular do discurso, no momento de sua projeção e elaboração, requer-se igualmente uma perspectiva singular no momento de sua compreensão e interpretação. É esse o sentido da Interpretação Psicológica, mais especificamente, do conceito e da práxis da “divinação”. Nesse conceito encontra-se o que há de mais peculiar da hermenêutica de Schleiermacher, e o que também já recebeu as mais descontraídas interpretações. O termo esclarece-se adequadamente em seu contexto de origem, na hermenêutica do estilo, cuja compreensão necessita da divinação, “aquela atitude de



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

consciência do intérprete que corresponde à da produtividade estilística do autor” (Schleiermacher, 1985, p. 315). Como o estilo é sempre singular e único, também o autor, enquanto sujeito de um estilo, não tem padrão ou regra pelos quais se possa guiar com segurança. Ele pensa e abre seu próprio caminho, da mesma forma como projeta e imagina o todo da obra. É a faculdade da imaginação que lhe permite elaborar projetos, pensar e projetar sua pesquisa, programar a publicação de um livro, enfim, imaginar previamente toda a sua construção, marcada pela peculiaridade de seu pensamento e de seu estilo. O desafio da divinação é compreender esse aspecto singular e único, designado como estilo. Da mesma forma como na construção estilística de uma obra, também aqui não há padrão ou regra que pudesse garantir uma interpretação correta. O singular evade-se da padronização. Não há um caminho lógico que conduz ao outro, diferente ou único. Ainda sempre permanece uma distância, e a divinação significa um salto da faculdade de imaginação pelo qual se procura vencer essa distância. Schleiermacher, contudo, não tem a ilusão de que seja possível anular totalmente essa distância. Trata-se de uma compreensão por aproximação, que ainda sempre pode ser aprimorada. A hermenêutica é um processo ou uma busca interminável de compreensão, viabilizada pelo recurso da linguagem e pela faculdade da imaginação.

6. Essa maneira de entender o processo de compreensão e interpretação vincula-se, em Schleiermacher, a uma concepção peculiar da linguagem e da racionalidade. Com a perspectiva hermenêutica de integrar individualidade e racionalidade ou história e racionalidade, a razão deixou de ser um conceito unívoco, estendendo-se para além de seu sentido lógico-semântico. O desafio da hermenêutica é o estabelecimento de uma racionalidade que não se reduza a enunciados lógicos. Como deverá caracterizar-se essa racionalidade, ou, como apresentar a hermenêutica, nela elaborada “como uma ciência sui generis” (Schleiermacher, 1990, p. 25)? Heidegger esclarecerá, posteriormente, que se trata, em verdade, de duas racionalidades, respectivamente, logos apofântico e hermenêutico (Stein, 1996, p. 27). Mas, como Schleiermacher ainda não conta com a distinção heideggeriana, ele propõe a substituição do conceito de razão, já sempre rotulado e concebido com uma pretensão supra-temporal. Indica como termo sucessor o conceito de “linguagem”. Como o próprio pensamento, argumenta o autor, assim também a dinâmica da linguagem comporta um elemento lógico-semântico e outro interpretativo, abrigando tanto o logos apofântico quanto o hermenêutico. Ela consiste na interação de duas funções, que se distinguem pela predominância de uma ou de outra e que não podem ser consideradas isoladamente, sob pena de resultarem em concepções abstratas (Schleiermacher, 1990, p. 25). A linguagem é uma articulação entre o aspecto histórico-subjetivo e singular, de um lado, e o caráter sistemático-universal, de outro. É a teoria do esquema, emprestada de Kant, que permite a Schleiermacher explicar tanto a relação entre estrutura e mudança de linguagem quanto a relação entre emprego usual e metafórico da linguagem.

## Conclusões

Outras considerações poderiam ser feitas. Mas, o que foi exposto já é o suficiente para se ter uma noção de uma racionalidade específica da hermenêutica, assim como caracterizada





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

no pensamento de Schleiermacher. Por mais que ele estabeleça princípios e cânones metodológicos para a interpretação, esses apenas servem de balizas, mas nunca dão segurança ou certeza à tarefa hermenêutica. Mais ainda, o desafio de compreender o outro parece uma busca inglória. Tanto o sentido da hermenêutica, de compreender o outro, quanto as orientações metodológicas, para a sua realização, põem-nos a caminho, para buscar o que indicam, mas nunca dão a certeza de uma interpretação ou compreensão correta.

#### Agradecimentos

Agradeço ao CNPq, à FAPERGS e à UNIJUI, por seus programas de incentivo à pesquisa. Agradeço especialmente à UNIJUI pelo tempo de pesquisa que me concede.

#### Referências

FRANK, Manfred. Das individuelle Allgemeine; Textstrukturierung und -interpretation nach Schleiermacher. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1985.

GADAMER, H.-G. Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. de Flávio Paulo Meurer; nova revisão da tradução por Enio Paulo Giachini e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KANG, Ton-Ku. Die grammatische und die psychologische Interpretation in der Hermeneutik Schleiermachers; Dissertation zur Erlangung des Grades eines Doktors der Philosophie der Eberhard-Karls-Universität Tübingen, Fachbereich Philosophie, 1978.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Hermeneutik. Nach den Nachschriften neu herausgegeben und eingeleitet von Heinz Kimmerle. 2. Verb. u. erweiterte Aufl. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1974.

\_\_\_\_\_. Das Leben Jesu (1832). Aus Schleiermachers handschriftlichem Nachlasse und Nachschriften seiner Zuhörer, hrsg. von K.A. Rütenik. Berlin 1864.

\_\_\_\_\_. Hermeneutik und Kritik; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4. Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990, 467 p.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica e Crítica; com um anexo de textos de Schleiermacher sobre filosofia da linguagem – I. Tradução de Aloísio Ruedell e Revisão de Paulo R. Schneider. Ijuí/RS: UNIJUI, 2005.

STEIN, Ernildo. Aproximações sobre Hermenêutica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.